

Os eventos literários e a criação poético-ficcional no Vale do Paraíba (SP): Concepções e realizações

The literary events and the creative processes in Vale do Paraíba (São Paulo, Brazil): conceptions and achievements

Robson Batista dos Santos Hasmann

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil
robson.hasmann@ifsp.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4003-6142>

Leandra Nicole Paula dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil
leandra.p@aluno.ifsp.edu.br

Resumo

As programações dos eventos literários da região do Vale do Paraíba demonstram a participação frequente de autores da própria região (Giacaglia, 2016). Assim, neste artigo pretende-se analisar de que modo os autores de ficção e os poetas participantes articulam seu processo criativo a esses eventos. O objetivo principal é compreender se e de que maneira a participação nas Festas e Feiras impacta a criação ficcional e poética, a entrada no circuito editorial e a possibilidade de alcançar e dialogar com mais leitores. Para a compreensão desse fenômeno cultural, a pesquisa pauta-se pelas concepções teóricas de Candido (2000) e Even-Zohar (2013), sobre sistemas literários, e de Schollhammer (2009), acerca da literatura contemporânea. Os resultados revelam que esses eventos representam para os autores a possibilidade de divulgar suas obras e ter contato com os leitores, embora expressem que o processo criativo nem sempre é impactado pelo contato com o público.

Palavras-chave: Eventos literários; processo criativo; autoria; circuito editorial; Vale do Paraíba; Brasil.

Abstract

The programming of cultural events (literary festivals) in the cities of Vale do Paraíba (São Paulo, Brazil) often includes the participation of local literary authors. Thus, this paper intends to analyse how the participant fiction authors and poets articulate their creative process to these events. The main objective is to understand if and how the participation in these events impacts the fictional and poetic creation, the entry into the publishing circuit and the possibility of reaching and dialoguing with more readers. To understand this cultural phenomenon, the research is guided by the theoretical conceptions of Candido (2000) and Even-Zohar (2013), about literary systems, and Schollhammer (2009), about contemporary literature. The results reveal that these events represent for the authors the possibility to divulge their works and have contact with the readers, although they express that the creative process is not always impacted by the contact with the public.

Keywords: Literary events; creative process; authorship; editorial circuit; Vale do Paraíba; Brazil.

1. Introdução

Desde que os eventos literários se popularizaram no Brasil, abriram-se perspectivas instigantes para a promoção da leitura e da literatura. Se, na prática tradicional, a introdução ao universo literário ficava a cargo do processo de escolarização, a reunião de autores e leitores em espaço comum durante determinado período (Giacaglia, 2016) parece também tomar para si a função de promover a leitura por meio do encontro do autor, do livro e do leitor. Do ponto de vista dos criadores, eventos como Festas e Feiras literárias representam a possibilidade de fazer sua obra circular, ao mesmo tempo em que os leitores podem “reconhecê-los” (Candido, 2000a)¹ quando são convidados a comentar suas obras. Com efeito, a pesquisa aqui apresentada vislumbra a possibilidade e a necessidade de estudar academicamente essas formas de circulação da cultura literária.

A abordagem teórica da questão ainda está sendo construída pela crítica especializada. Existem estudos isolados que tangenciam a questão aqui sob análise. Miranda (2005), por exemplo, analisa a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), enquanto fenômeno de massa, no qual o objeto cultural, no caso o livro (e até mesmo a leitura), encontra-se deslocado de sua função educativa e de fruição. A autora conclui, em tom bastante crítico, que

Em Paraty, o livro trocou sua tradicional valia, a forma se sobrepôs ao conteúdo, os autores ganharam status de atores globais, celebridades, e, uma fatia da burguesia, [sic] disse representar o público leitor deste país. A FLIP é, na verdade, tão somente um encontro de negócios que mede forças e disputa a configuração do mercado editorial, a literatura não é pensada em seu valor de uso, mas no seu valor de troca em expansão. (Miranda, 2005: 8).

Para compreender melhor o contexto, vale a pena recorrer às palavras de um jovem e premiado autor brasileiro, Julián Fuks. Em 2005, o hoje reconhecido escritor problematizava, em uma coluna do jornal *Folha de S. Paulo*, a profusão de eventos literários pelo país a fora. Identificava que eles tinham “transformado a relação entre leitores e escritores e, sobretudo, a vida [dos] mais atribulados e mais expostos”. O autor sinalizava também que “ninguém” maldizia os encontros; na verdade, os autores “agradecem o incremento de renda e apreciam a chance de interação” (Fuks, 2005). Contudo, o colunista que aos poucos ganhava projeção nacional insere nesse artigo (via a análise de outro autor já naquela época bem relevante, Luiz Ruffato) que, com os eventos literários, estava-se esboçando um mercado cujo principal divulgador era o próprio autor. Assim, abrir-se-ia um novo “mercado do livro”. É relevante destacar que a expressão “mercado do livro” revela conclusões semelhantes às de Miranda (2005), mas o que de fato vale a pena sublinhar na citação de Fuks é que o “mercado” não possui aspas nem qualquer tom irônico ou melancólico; a abertura a um novo mercado denota, pois, a aceitação, por parte do autor.

Dessa leitura de Fuks aos tempos atuais, com a propagação de feiras de todos os formatos e tamanhos, outros autores também deixam entrever preocupação — e aceitação — sobre o papel do escritor e da literatura na sociedade contemporânea. É o caso de Ricardo

¹ No entendimento de Antonio Candido (2000a), o reconhecimento não significa o destaque em meio a outros autores tampouco aquele conquistado via premiações. Ser reconhecido implica que a sociedade sabe que aquele cidadão é um escritor, assim como se poderia reconhecê-lo como médico, jardineiro ou arquiteto.

Ramos Filho, em crônica compilada no livro *Conversa comigo* (2019). Em “Estrangeiro”, o narrador observa jovens de uma cidade do interior de Minas Gerais que assistiam a uma feira literária. Na abertura do texto, emerge a preocupação: “Escritor virou espécie de caixeiro-viajante. Vive em cantos variados. Aqui, ali, em todo lugar. Vende penduricalhos em forma de ideias, fala a respeito de suas obras com quem não as lê. Os eventos literários multiplicaram-se pelo país. Não deixa de ser uma boa notícia.” (Ramos Filho, 2019: 114). As expressões utilizadas para relatar a experiência decorrente da participação em eventos constata uma visão pessimista, embora carregada de humor. No fecho desse parágrafo inicial, parece haver acomodação ao modelo de “negócios”, mas no desenvolvimento da crônica o tom de desilusão é predominante.

O significado dessas visões pode ser construído a partir do conceito de sistema literário, conforme desenvolvido por Candido (2000b), e dos polissistemas, de Even-Zohar (2013). O crítico brasileiro defende que a posição social do escritor depende de três fatores: o autor (“alguém integrado à sociedade, que ocupa um *papel social*”), a obra (“as condições de existência que os seus membros [do grupo de escritores], enquanto tais, encontram na sociedade”) e o público (“a posição social do escritor depende do conceito social que os [outros] grupos [sociais] elaboram em relação a ele”) (Candido, 2000b: 73 — itálico no original). O público possui relevância, porque faz a mediação entre o autor e a obra. O crítico ainda sublinha que caberia ao público a função de mostrar a obra para o próprio autor. Em outras palavras, o autor engendra sua obra a partir das expectativas e considerações do público.

Trazendo essa explanação teórica para o fenômeno que aqui se analisa, a esta pesquisa caberá a compreensão do papel social do escritor valeparaibano quando, ao circular pelas Festas e Feiras literárias, encontra com um público que nem sempre é especializado nem conhecedor dos escritores, já que estes predominantemente publicam de forma independente e/ou por editoras que não investem na divulgação. Nesse sentido, vale recordar que, para Candido (2000b: 77), “um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação”, além de outros fatores.

Os eventos literários configurariam, pois, o espaço de comunicação privilegiado socialmente, uma vez que os meios de divulgação da obra se concentram em ambientes especializados (às vezes altamente especializados, como as Universidades) ou grupos específicos (as academias de letras dos municípios onde os eventos ocorrem). Soma-se a esse aspecto a ausência da literatura nos grandes meios de massa da região. Se o público muitas vezes impõe os arranjos internos da obra — portanto, impacta o próprio escritor —, não surpreende que, com o público se configurem parâmetros capazes de estabelecer o “cânone”, isto é, o conjunto de obras e escritores valorizados. Apresentar-se-ia, então, um corte no sistema, quer dizer, passaria a haver dois ou mais sistemas.

É nesse sentido que se recorre à diferenciação estabelecida por Even-Zohar (2013: 4) acerca dos polissistemas literários. Para ele, essa perspectiva seria capaz de “integrar à pesquisa semiótica objetos (propriedades, fenômenos) [...] deixados de lado”. No fenômeno cultural a que nos dedicaremos, a presença de diferentes sistemas se manifesta, por exemplo, na Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG) em 2019. A programação contava com nomes de peso (Paulo Lins e Marcelino Freire), autores regionais (Tiago Feijó e Joaquim

Maria Botelho), e estreantes. O primeiro olhar sob a programação detecta facilmente a diversidade e a tentativa de integração. Porém, há que se destacar a fala de um poeta que lançava seu primeiro livro, de forma independente: “Não havia espaço para os autores da cidade. Nem a livraria da cidade quis expor nossos livros.”²

Para finalizar, observamos que as Festas / Feiras literárias representam, sobretudo para a região do Vale do Paraíba, um arranjo inovador no que diz respeito à circulação de autores e obras. Esses eventos ganharam impulso a partir da Festa Literária de Paraty (FLIP),³ a qual às vezes serve de parâmetro, entre 2017 e 2019. Portanto, trata-se de algo contemporâneo. Sob esse enfoque, parte-se do conceito de Schollhammer (2009), para quem o termo contemporâneo remete àquelas obras escritas sob o signo da “urgência”. Para ele, trata-se da realidade que circunda autoras e autores: “o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente.” (Schollhammer, 2009: 10).

O crítico aponta que é possível definir cada década como paradigmática de cada geração, e para fundamentar essa tese, traz “um repertório de escritores e de obras que iluminam cortes e continuidades na ficção brasileira, possibilitando mapear temas e opções estilísticas e formais que se apresentam nas escritas dos autores contemporâneos”, sendo esses autores não-alvos de holofotes (Schollhammer, 2009: 21).

Schollhammer analisa as gerações de escritores de acordo com os temas relevantes de cada época, como exemplo o brutalismo. Para ele, com a chegada da democracia, em meados dos anos 80, ocorreram algumas inovações na literatura. Entre elas o surgimento de uma “escrita mais psicológica que configura uma subjetividade em crise”. O termo, que fora batizado por Alfredo Bosi (1975), “caracterizava-se, tematicamente, pelas descrições e recriações da violência social entre bandidos, prostitutas, policiais corruptos e mendigos. Seu universo preferencial era o da realidade marginal, por onde perambulava o delinquente da grande cidade, mas também revelava a dimensão mais sombria e cínica da alta sociedade.” (Schollhammer, 2009: 26 - 27).

Outro aspecto da literatura contemporânea, ainda segundo esse crítico, é a sobressaliência dos meios tecnológicos. No momento em que seu ensaio foi redigido e publicado, os blogs representavam o que de mais moderno existia para a divulgação de textos publicados sem editoras. Em suas palavras, “com essas novas plataformas de visibilidade da escrita surgiu um inédito espaço democrático e foram criadas condições para um debate mais imediato em torno de novas propostas de escrita.” (Schollhammer, 2009: 13). O crítico ainda ressalta que muitos autores saíam dos blogs para o livro físico e o mercado editorial.

² Menciona-se um autor apenas a título de exemplo daquilo que se pode produzir nos eventos literários regionais. Sua opinião foi emitida em conversa informal com os pesquisadores deste artigo. Vale registrar também que essa opinião é flagrantemente contrária ao que revela a pesquisa realizada anteriormente pelos autores deste artigo. Em “Significados e implicações de eventos literários no Vale do Paraíba (SP)” (2021), foi elaborado um questionário com questões fechadas. Uma delas perguntava aos participantes das comissões organizadoras qual teria sido o principal objetivo da festa. A divulgação de autores regionais foi a segunda mais marcada, após a criação de um ambiente de negócios.

³ É importante destacar que, no Estado de São Paulo, o acesso à Paraty se faz obrigatoriamente pelo Vale do Paraíba, inclusive pelo Litoral Norte. Portanto, o fato de a FLIP servir de modelo idealizador talvez esteja na proximidade geográfica.

Essa perspectiva sobre o papel da tecnologia na configuração do sistema literário e do mercado editorial permite inferir que, implicitamente, os meios digitais continuariam a contribuir com a produção e, principalmente, o acesso aos textos. Por isso, é relevante considerar o avanço das plataformas tecnológicas, tais como o Facebook e o Instagram. Diferentemente dos blogues, porém, essas novas mídias, provocam a hiperexposição e engendram fenômenos literários, tais como a autoficção, conforme observou Perrone-Moisés (2017).

Essas perspectivas que tentam compreender o papel e a dimensão do escritor na sociedade brasileira contemporânea orientaram a elaboração deste trabalho, cuja lente se ajusta ao fenômeno da criação ficcional e poética em uma região específica do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, a parte paulista do Vale do Paraíba. De maneira sintética, assevera-se que a intenção é compreender alguns mecanismos da criação ficcional de autores dessa região que, historicamente, é marcada pela forte exploração cafeeira, e, nos dias atuais, é um polo turístico de cunho religioso.⁴

Para observar o fenômeno em dimensão mais ampla, foram revisitadas as trajetórias de autores valeparaibanos que poderiam ser considerados “clássicos” na medida em que, para além do fato de serem reconhecidos nacionalmente, nasceram na região e escreveram impulsionados pelos acontecimentos e pelos processos de organização social que historicamente a caracteriza. Destacam-se, pois, os seguintes autores: Monteiro Lobato (1882 - 1948), Eugênia Sereno (1913 - 1981) e Ruth Guimarães (1920 - 2014). O cotejo entre as produções literárias desses escritores clássicos e os atuais contribuiu para questionar e compreender as implicações nos processos de criação e circulação do livro na região.

2. Metodologia

Para a análise do fenômeno sócio literário aqui estudado, foram recolhidos relatos e opiniões dos próprios autores e autoras por meio de um questionário com perguntas abertas.

A fim de selecionar os poetas e ficcionistas que receberiam o questionário, o critério inicial pautou-se no fato de terem participado de alguma Festa ou Feira Literária na região do Vale do Paraíba entre 2018 e 2020. Nesse sentido, abranger-se-ia tanto o evento presencial quanto aqueles que ocorreram de forma remota devido às condições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19.

A seguir, procedeu-se a escolha dos participantes tendo em vista os seguintes critérios: 1) número reduzido de obras publicadas (máximo três); 2) naturalidade em alguma cidade do Vale do Paraíba ou proximidade temática com a região e/ou ; 3) Participação como convidado em eventos maiores, como a Festa Literomusical do Parque Vicentina Aranha (São José dos Campos), a Festa Literária da [Serra da] Mantiqueira (Santo Antônio do Pinhal) e Festa Literária de Guaratinguetá; e 4) Diversidade de gêneros: romance, poesia e contos.⁵

⁴ Na região paulista, localiza-se a cidade de Aparecida, onde foi encontrada a imagem da padroeira do país. A cidade vizinha, Guaratinguetá, é considerada a terra natal do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão.

⁵ Embora a cidade de Paraty (RJ), onde se realiza a FLIP, esteja geograficamente próxima à região estudada no horizonte desta pesquisa, ela não foi considerada, entre outros motivos, pelo fato de ter uma organização e um sistema produtivo bem mais abrangente. Além disso, observa-se que as escritoras e os escritores selecionados participaram também de outras feiras de menor envergadura, as quais poderão ser verificadas na exposição das respostas ao questionário.

O questionário é uma ferramenta que permite recolher dados para uma análise qualitativa da articulação da criação literária a partir da participação nos eventos. Logo, essas informações foram confrontadas com as hipóteses levantadas ao longo dos estudos teóricos.

Inicialmente, foi feita a identificação das autoras e autores da região que constavam na programação das festas maiores entre 2018 e 2020. A seguir, fez-se o mesmo para as programações de festas de menor projeção. Após essa seleção, pesquisou-se sobre os autores e suas obras de maneira sintética a fim de saber quais eram naturais do Vale, quais viviam na região e escreviam sobre ela ou que tivessem iniciado a carreira literária na ou por causa da região. Por fim, o questionário foi enviado a cinco sujeitos dos quais quatro responderam.

Enfim, por meio desse instrumento de pesquisa, vislumbrou-se verificar como leitores e público-leitor se relacionam com as obras e os escritores nas Festas / Feiras literárias. Neste trabalho, distingue-se leitor e público-leitor. “Leitor” é a pessoa que se põe em contato direto com os autores, seja pessoalmente seja por meios digitais a fim de comentar a obra lida. Já o público-leitor será considerado como o conjunto abstrato de possíveis leitores, aferido, por exemplo, pelas vendas de livros.

3. A literatura valeparaibana “clássica”

Diferentemente da proposta de Schollhamer (2009), este trabalho pretende analisar os arranjos produtivos culturais, ou seja, em lugar de observar o fenômeno literário de uma região específica pautado pelos temas abordados em suas obras, pretende-se estudar a circulação dos autores de modo a se projetarem e serem reconhecidos no subsistema literário do Vale do Paraíba.

Nesse sentido, três autores são ilustrativos: Monteiro Lobato, Eugênia Sereno e Ruth Guimarães. Todos eles são casos exemplares devido à projeção nacional que alcançaram. No contexto em que escreveram, observa-se que suas obras partem do Vale do Paraíba e circulam por espaços de legitimação e prestígio da literatura no Brasil.

Monteiro Lobato representou o ambiente rural na maioria de suas obras. O escritor, que nasceu na cidade de Taubaté, ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis que se passavam em um sítio, isto é, em um local longe da modernidade.

No caso do Lobato, por exemplo, a guinada da “literatura adulta” para a infantil provavelmente não foi aleatória. Nos primeiros dois livros, *Urupês* (1918) e *Cidades Mortas* (1919), os costumes, a linguagem e a tradição do Vale do Paraíba estavam representadas de forma negativa. O escritor problematizou e criticou incisivamente os costumes e a população do chamado fundo do Vale, sobretudo na região de Taubaté, no primeiro livro, e Bananal, Areias, Silveiras e Arapeí, no segundo. Refletindo sobre a cultura caipira desses locais, ele estigmatizou a cultura da região de tal forma que, tempos depois, um de seus grandes personagens, o Jeca Tatu, ganhou projeção no cinema com o cineasta Amácio Mazzaropi.

No entanto, na época da publicação de seus livros, o contexto intelectual rejeitava o tipo de ironia e deboche que Lobato fazia do campo e do meio rural. Ao mesmo tempo, começou um intenso processo de ampliação da educação formal. A literatura encabeçaria a

escolarização. Houve, então, incentivos à escrita de livros para serem usados nas escolas. Monteiro Lobato, que montou uma editora inclusive, não ficou de fora do grande campo a ser explorado. Assim, o mesmo ambiente rural que serviu a críticas deu impulso a outra personagem detentora de criatividade e criticidade. Emília, a boneca falante do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, integra o ambiente rural e é nele que ela dá vida a inúmeras reflexões e sugestão de solução para diversos problemas do país.

Na Serra da Mantiqueira, Eugênia Sereno (pseudônimo de Benedita Pereira Rezende Graciotti) publicou, em 1965, o romance *O pássaro da escuridão*, que lhe proporcionou no ano seguinte o prêmio Jabuti. Afastada dos grandes centros (São Paulo e Rio de Janeiro), mas certamente atenta às inovações literárias do período, a obra recria poeticamente o ambiente serrano de São Bento do Sapucaí, Santo Antônio do Pinhal e Campos do Jordão. O livro merece atenção plena do leitor devido aos inúmeros recuos temporais e reflexões em uma narrativa muito fluída, cheia de histórias entrecruzadas e dispersas, quase imperceptível, de uma relação amorosa abusiva. Na composição da história, Mororó-Mirim, a cidade inventada, está também repleta de registros, situações, costumes e traços linguísticos da região. Todavia, seu trabalho foi desvanecido. Após a publicação do livro, Sereno focou em outras edições dele e agregou modificações de algumas palavras, frases e exclusões ou acréscimos de parágrafos inteiros. Ela não desenvolveu mais livros de ficção, prendendo-se a sua primeira obra.

Por fim, aparece a figura de Ruth Guimarães. Nascida em Cachoeira Paulista, a autora estreou-se na literatura com *Água Funda*, em 1946, aos 27 anos. Nesse romance, ambientado entre as montanhas limítrofes de São Paulo e Minas Gerais, entre os municípios de Piquete e Delfim Moreira, diversos elementos dão, simultaneamente, dimensões enigmáticas e engajadas à história de uma protagonista, que, ao herdar uma grande extensão de terras, empenha-se em manter os negócios e cuidar do sentimento amoroso. No fim, ludibriada por um jovem da cidade, perde as terras e a sanidade. Depois do lançamento de *Água Funda*, Ruth Guimarães passou a dedicar-se intensamente à pesquisa dos costumes, das tradições e do folclore caipira. Cinquenta anos depois, em 1996, publicou o segundo livro de ficção, depois de uma trajetória voltada ao universo etnográfico das formas de expressão popular. No livro dos anos 90, *Contos de Cidadezinha*, quando já era membro da Academia Paulista de Letras e tivera seus livros elogiados por Antonio Candido, retoma alguns aspectos da ambientação e da representação regional, embora tanto neste quanto no livro da juventude o regionalismo figure apenas na superfície do texto. Percebe-se que existe uma longa distância entre seu primeiro livro de ficção e o último. Decorre, dentro do escopo desta pesquisa, a questão de saber se esse lapso teria sido escolha da autora ou condição do circuito literário.

4. O escritor / produtor

A pergunta inicial que motiva a investigação em tela é: como se torna um escritor? Para respondê-la, rechaçam-se logo de imediato os discursos fundamentados em concepções neoliberais que “ensinam” a comercializar as obras e, atualmente, ganhar likes e seguidores em redes virtuais de socialização. Nesse discurso, pautado geralmente por fórmulas que “ensinam” os talentosos e jovens escritores a terem sucesso, a entrar no círculo do livro, buscar um *publisher*, etc., a perspectiva é a de que a literatura é um empreendimento

comercial igual a qualquer loja de variedades e, portanto, passível de ter as regras do *marketing* aplicáveis e se tornarem *cases* de sucesso.

Essa postura parece ter sido adotada no *Manual de divulgação de livros*, documento elaborado por uma empresa *on-line*, sediada em Joinville (Santa Catarina), que realiza publicações sob demanda, denominada Clube de Autores (s/d). Ensina-se ali, entre outras técnicas que, com a possibilidade de adquirir essas regras, os autores recebem a liberdade de publicar suas obras sem a necessidade de submeterem a uma “avaliação de empresas com o poder de decisão sobre publicá-la ou devolvê-la” (Clube de Autores, s/d: 1). Eles passam a usufruir de sua autonomia enquanto escritor e adotam o conceito de autopublicação. A *Internet* se torna uma afiliada do escritor, pois o número de buscas por livros subiu nitidamente na *Internet* e com esse recurso, o consumidor tem a oportunidade de “digita[r] tema, nome do livro ou nome do autor e chega[r] a uma determinada obra” (Clube de Autores, s/d: 6).

O Clube de Autores (s/d) disponibiliza o *Manual* gratuitamente em seu blogue, com o intuito de orientar autores e autoras a alcançar projeção. Explica-se, por exemplo, que é necessário que o autor se faça presente com blogues, redes sociais etc.: “Quanto mais você for conhecido, mais venderá” (Clube de Autores, s/d: 10). Interpreta-se que para uma boa repercussão de seu livro, o escritor deverá se tornar uma celebridade.

Embora com viés e tom bem diferentes, essa concepção também é apresentada por Leyla Perrone-Moisés, crítica literária de longa trajetória na academia e nos meios editoriais. Em entrevista a Luiz Rebinski, cujo título é “A literatura em perigo”, a escritora aponta que é fácil para uma pessoa se tornar um escritor de sucesso se ela for conhecida nas redes sociais. Esse seria o melhor caminho para um escritor jovem ser percebido. Em suas palavras, percebe-se o tom crítico e irônico, em especial nas partes destacadas em negrito:

É muito difícil, para um escritor jovem, ingressar no circuito da edição e da publicidade. **Pelo contrário, é muito fácil para um jovem qualquer se tornar “escritor”. Se conseguir muitos seguidores na Web, pode logo publicar um livro ou vários.** No ano passado, vi uma fila de centenas de pessoas à espera da abertura de uma livraria de shopping, para comprar o livro de uma garota que posta vídeos no *YouTube*. Uma fila de dar inveja a qualquer escritor literário. O escritor jovem que pratica uma escrita de qualidade tem de ser paciente. Deve enviar seu livro para editoras que tenham catálogos compatíveis com seu trabalho e não desanimar com as respostas. Se sua obra for realmente boa, mais cedo ou mais tarde acabará sendo descoberta. (Perrone-Moisés, 2017 — grifos nossos).

O *Manual* também recomenda dar entrevistas, por exemplo, que conseqüentemente facilitarão o alcance do objetivo desejado. A escolha dos entrevistadores também é um papel crucial apresentado no *Manual*, sugerindo os “blogueiros ou influenciadores que sejam próximos, amigos – e que também sejam reconhecidos pela comunidade como formadores de opinião” (Clube de Autores, s/d: 15).

A disponibilidade de alguns capítulos de graça também é considerada como uma estratégia promissora. Essa oportunidade, de acordo com o *Manual de divulgação de Livros*, pode fazer com que a leitura dos capítulos, o desejo de terminar o livro se concretize, além de fazer uma divulgação a seu favor.

Parece que o reconhecimento da profissionalização do escritor passa a ser algo possível. Por outro lado, o aspecto negativo é que, na forma como o manual se apresenta, existe a reprodução de um discurso neoliberal — uma etapa avançada do capitalismo — que atribui ao trabalho de divulgação e ao *marketing* a qualidade da obra. Dessa forma, produz-se implicitamente uma equação simplista: mais conhecimento é igual a mais venda, logo, o livro é bom. Esse raciocínio e o fato de o *Manual* instruir todo mundo a fazer igual revela, na verdade, a pasteurização dos produtos culturais. Todavia, devido ao fato de que existem autores que chegam a ter sucesso e outros não, assim como há lojas que expandem suas vendas e outras não, parte-se aqui, portanto, da concepção de que as “regras” para o sucesso podem ser desmerecidas.

5. Análise dos dados: A perspectiva dos autores

A pergunta número um do questionário aplicado dizia respeito às Festas e/ou Feiras literárias de que o respondente havia participado no Vale do Paraíba entre 2018 e 2020. Ela visava identificar em que medida o respondente valorava (por meio da memória) a sua participação — mesmo que tivesse sido *on-line* —, porquanto os pesquisadores já haviam identificado a qual evento o autor estivera presente.

75% dos escritores/as convidados/as participaram de uma mesma Feira do Vale. Trata-se da Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG). Ainda, houve respondentes que participaram da Festa Literária de Cachoeira Paulista (FLICA), da Feira Literária de Cruzeiro (FLIC), da Semana Eugênia Sereno de Arte e Literatura (realizada na cidade de São Bento do Sapucaí), da Feira de Literatura Infantil de Taubaté (FLIT) e da Festa Literomusical do Parque Vicentina Aranha (FLIM), em São José dos Campos.

Nessa questão, destaca-se a resposta dada pelo participante 2. Em seu relato, mencionou que também tivera “participações em rodas de conversas em escolas e faculdades, centros culturais, academias de letras e secretarias de turismo”.⁶ Ainda, foi exposto pelo sujeito 3 a participação em situações classificadas por ela mesma de “eventos ‘menores’, incluindo saraus e Festivais em São José dos Campos” (aspas no original).

A segunda pergunta pretendia observar como ocorre a relação entre o autor e seus leitores. Em específico, o objetivo foi verificar se e como a participação em eventos literários ajudou o/a convidado/a a dialogar mais diretamente com leitores, seja pessoalmente ou por redes sociais. A questão revelou que todos/as sujeitos da pesquisa acreditam que esse contato permitiu, por exemplo, o aumento nas vendas, a possibilidade de atingir editoras maiores, divulgação do trabalho e/ou na venda da obra, seja pessoalmente seja via mídias sociais. O respondente 1 ressaltou ainda a abertura de “novos caminhos e perspectivas”.

Em conformidade com o que foi manifestado anteriormente, o segundo sujeito relatou que “as participações oportunizam os diálogos e constantes convites para outros eventos, além de encontros com autores e pesquisadores que, inclusive, ampliam meu acervo de fontes para pesquisas. Os encontros com os leitores ampliam meu repertório de narrativas

⁶As repostas / citações recolhidas serão inseridas no texto de acordo com o exposto no questionário. Sendo assim, todo e qualquer erro, gramatical ou de digitação, encontrados nas citações não serão retirados / modificados / corrigidos.

em relação à tradição oral.”. O respondente 3 apontou que “o maior benefício que adveio de tais participações foi a maior possibilidade de diálogo direto com os leitores e/ou potenciais futuros leitores. Essa relação direta autor(A)/leitor(A) é inenarrável. Todo escritor escreve para o outro e, sendo assim, estar aberto às devolutivas é de uma riqueza ímpar” [uso de maiúsculas no original]. E o informante número 4 “a participação nos eventos facilitou o diálogo direto com leitores e editoras, tanto no que se refere às vendas quanto na divulgação da literatura em si. Foi numa dessas feiras literárias que fiz contato com a editora Telucazu, que acabou lançando o meu primeiro romance *As pirâmides revolucionárias*.”

Em concordância com o que foi exposto pelos convidados e com o que foi explorado no trabalho acerca do sistema literário, os eventos não só proporcionam “convites para outros eventos” e facilitam “o diálogo direto com leitores e editoras, tanto no que se refere às vendas quanto na divulgação da literatura em si” como pontuado pelos escritores/as, mas também possibilitam “encontros com autores e pesquisadores” que auxiliam na ampliação do “acervo de fontes para pesquisas”.

Tendo em vista que na questão dois se perguntava sobre a existência de contatos com os leitores, a questão três visava aprofundar a compreensão sobre o processo de criação, isto é, tinha o pressuposto de que o encontro com leitores propicia temas, provoca a escrita e estimula a criação.

Logo, a pergunta vislumbrava questionar se a partir do contato com leitores nas Festas e Feiras, o/a convidado/a chegou a pensar em novos temas para seus textos ou realizar modificações/adaptações na linguagem. A dúvida é resultado da necessidade de problematizar se a circulação pelos eventos, isto é, momentos nos quais ocorre troca de experiências com outros/as autores/as e público provocaria o interesse por temas específicos.

Cinquenta por cento dos respondentes afirmaram que levam em consideração o gosto dos leitores, expondo que estão abertos a possíveis modificações. O autor número 4, por exemplo, explanou que acolhe as sugestões, respeitando o seu estilo. Ainda, é exposto por ele/ela que essa união está proporcionando o desenvolvimento de outra obra. Em suas palavras: “No momento, estou escrevendo um romance baseado em conversas que tive com o público jovem, com o qual fiz contato nas feiras literárias e nas escolas onde fiz palestras”.

Os outros/as cinquenta por cento pontuaram não sofrer interferência do público-leitor em suas criações. Essas respostas merecem comentários, em vista do que foi verificado anteriormente. Se na questão de número dois todos colocaram que os eventos literários aproximam mais o/a autor/a com leitores, abrindo novos caminhos e perspectivas, pareceria lógico que houvesse interferência nas produções.

A questão quatro tinha a finalidade de verificar em que medida o/a entrevistado/a considera a divulgação, a venda ou a circulação de suas obras físicas ou digitais em redes sociais antes e depois da participação em um evento, bem como desejava saber se esses critérios foram modificados à medida que participava das Festas e Feiras.

Nossa hipótese era que a divulgação, a venda e/ou a circulação das obras físicas ou digitais fossem consideradas etapas importantes no processo de uma obra. Todavia, foi ressaltado pelos/as participantes 1, 2 e 3 que no processo, não é considerado qualquer “demanda subsequente”. Nas palavras do/a convidado/a 3: “Durante o processo criativo eu realmente NÃO considero qualquer demanda subsequente, como, por exemplo, a divulgação

e a venda. Procuo fazer com que a minha escrita transcorra de encontro à minha identidade literária sem permitir que ela (eu) se influencie por qualquer outro motivo [maiuscula no original].”

Merece observação também a resposta do/a entrevistado/a 4. Percebe-se que sua interpretação foi no sentido de que a pergunta se referia à importância das mídias na divulgação das obras. Com efeito, é exposto pelo/a convidado/a a seguinte resposta: “Acho todo tipo de mídia importante, seja física ou digital. Existe mercado para ambas as mídias. Acredito também que estamos passando por um momento de transição, onde muitas pessoas estão cedendo cada vez mais espaço para os arquivos digitais em suas bibliotecas. Este meu critério de avaliação não mudou com a participação em feiras.”

Vale destacar que tanto o que incentiva o Clube de Autores por meio do *Manual de divulgação de Livros* (s/d), quanto o que observa Schollhammer (2009), existe a premência dos meios tecnológicos para a literatura contemporânea. No entanto, a perspectiva do crítico sobre o papel da tecnologia na configuração do sistema e do mercado literário dos anos 90 teria tomado novo formato nos tempos atuais, porque, enquanto naquele momento a rede servia para divulgar textos sempre atrelados à produção prévia, as redes sociais atualmente incentivam mais a projeção da figura do autor do que de seus textos. Em suma, o uso de *internet* nos tempos atuais privilegia a comercialização e “celebração” do autor em detrimento da qualidade da linguagem ou da abordagem temática das obras.

Essas reflexões foram corroboradas com as respostas à questão cinco, cujo objetivo era verificar se, na divulgação da obra, a *Internet* tem sido relevante. Nesse sentido, especificou-se aos autores e autoras se ações como verificação de *Hashtags* em redes sociais, disponibilização gratuita de trechos / capítulos / resumos, interação das redes sociais e/ou preços acessíveis, manutenção de blogue, etc. fazem parte das preocupações após a obra ser publicada.

Todos/as defenderam que a rede tem um papel importante. Em uma das respostas, por exemplo, é colocado que a *Internet* é de extrema importância na projeção da obra, nas palavras do/a participante 1: “A *internet* é hoje o meu principal veículo de divulgação; consigo atingir com ela um público que jamais conseguiria alcançar”.

Posto isto, infere-se que a tecnologia ajuda mais na divulgação da obra e do/a autor/a que os eventos literários. Logo, nossa hipótese inicial de que as festas e feiras traziam, no que tange às formas de organização da cultura na sociedade, a possibilidade de se atingir um público mais amplo, dentro e fora do município onde são realizadas, está parcialmente incorreta. Embora os eventos ofereçam essa possibilidade, nos parece que a *Internet* é priorizada enquanto meio de venda e projeção da imagem, pois proporciona um maior alcance no que se refere à localização, enquanto as Festas / Feiras possuem uma “delimitação” na região.

Outra resposta que merece atenção é a que se refere sobre a falta de tempo para desenvolver presença nas redes. Nas palavras do/a convidado/a 3: “Não consigo me dedicar à preocupação e manutenção de tais demandas porque estou muitíssimo envolvida em escritas científicas também. O que, por sua vez, toma rigorosamente o meu tempo. Contudo, sei e reconheço que a circulação das obras, ou seja, a venda em si, é fundamental para a

continuidade da "coragem" de escrever. E, por isso, reconheço ser fundamental a inserção da internet como instrumento para tal."

A pergunta seis buscava entender como acontece a relação com a crítica (resenhistas de jornais e *youtubers*, produtores culturais, leitores que têm acesso à obra antes de ser publicada etc.). Foi exposto pelo/a convidado/a 1 que "em geral a própria editora se dedica a enviar o livro para os resenhistas, jornalistas etc.", dessa forma, escritores/as que possuem o auxílio da editora não têm essa "preocupação". Todavia, como apresentado pela mesma pessoa do comentário anterior, há a possibilidade de serem selecionados alguns críticos de sua preferência e desenvolver o envio da obra. Nas palavras do/a convidado/a 1: "Eu também costumo fazer uma relação de críticos que gosto de ler e envio o livro para eles".

Em segundo plano, foi exposto, pelo/a autor/a 4, a dificuldade de desenvolver essa relação com a crítica em decorrência de ser um autor "independente".⁷ Nas palavras do/a convidado/a:

Quando se é independente, é difícil realizar este processo de envio de livros para resenhas pelo alto custo dos correios etc. Todas as resenhas que tive antes de ter uma editora foram de pessoas que compraram meus livros e quiseram escrever sobre ele. Quando se tem uma editora comprometida, aí, o acesso se torna mais fácil, pois os próprios canais de resenhas solicitam os livros aos editores.

Portanto, é possível relacionar as repostas com o *Manual de divulgação de Livros* (s/d: 3), que expõe que nesse momento de avanços tecnológicos, os/as autores/as ganham a liberdade de publicarem suas obras sem a necessidade de se submeter a uma "avaliação de empresas com o poder de decisão sobre publicá-la ou devolvê-la". O autor passaria a usufruir de sua autonomia enquanto escritor/a para adotar o conceito de autopublicação. Entretanto, uma carga de funções que antes era dividida entre uma equipe editorial, agora torna-se função de uma única pessoa.

Na questão seguinte, perguntou-se se os sujeitos se consideram um/a autor/a valeparaibano/a. Para fins desta pesquisa, autores/as valeparaibanos/as são aqueles e aquelas que escrevem a partir dos elementos culturais da região, apresentando em suas obras ricas pesquisas das representações do trabalhador rural paulista, com particularidades do vestuário, da linguagem, dos costumes, das paisagens e da valorização do caráter exótico e grandioso da natureza brasileira. Portanto, independentemente do seu local de nascimento, seriam aqueles que, tendo convivido com a região, criam obras ficcionais e poéticas em decorrência da observação e das experiências vividas nela. Os participantes não foram informados dessa definição.

Logo, a esse questionamento deram-se respostas como "Escolhi ser. Sou natural de Santo André – SP, porém escolhi o Vale para viver" (participante 3), "Sim, com toda a certeza. Inclusive, faço questão de ambientar minhas obras em cidades do Vale" (sujeito 4) e "Em certa medida sim. Apesar de não me obrigar a refletir sobre a nossa região em minhas obras"

⁷ O termo "independente" tem sido atribuído tanto a autores quanto a editoras. No entanto, neste trabalho, marca-se com aspas o termo, a fim de enfatizar o desconforto com o termo. Subjaz à palavra a ideia de que os autores, ao publicar por grandes editoras, ficam "presos". Muito há que se ponderar essa questão; no entanto, foge ao escopo desta pesquisa.

(entrevistado 1). Embora se perceba que alguns tenham interpretado que a pergunta se relacionava com a cidadania e não com o conteúdo de suas obras, as respostas comprovam a delimitação conceitual estipulada na pesquisa que originou este arquivo.

Todavia, houve uma resposta que exemplifica o objetivo da questão. Foi apontado pelo/a entrevistado/a 2 que ele/ela se considera “um aprendiz de escriba”, que está “caminhando na escrita”, logo, considerando-se “uma pesquisadora que vem se especializando na cultura e história vale-paraibanas”. Portanto, é nítido que o/a sujeito/a identificou que ser um/a escritor/a valeparaibano/a vai além de viver na região, e sim, refletir sobre ela em suas obras e estar em constante aprendizagem.

6. Considerações finais

O debate acerca das formas de criação literária e da circulação poéticas e ficcionais amplia-se à medida que pesquisadores, editores e autores percebem que o “produto” sofre alterações de acordo com as dinâmicas sociais em tempos e espaços diferentes. Embora esta pesquisa tenha colocado foco no processo de criação, crê-se relevante destacar o papel do público, uma vez que, para os autores e autoras entrevistados, a experiência da criação não está diretamente impactada pelo contato e as sugestões do público que circula nesses eventos.

Nesse sentido, vale destacar que as festas e feiras literárias em que se contextualizou a situação de determinados autores ainda não foram afetadas pela entrada maciça de grande capital voltado à comercialização (tal qual ocorre com a Festa Literária de Paraty). Considera-se, por esse motivo, que nesses espaços a literatura apresenta oportunidade de fruição.

Além disso, escritores e escritoras são de suma importância para a região e para as pessoas que os acolhem. Em resposta à pergunta inicial da pesquisa, isto é, se os eventos literários, na forma que são articulados, impactam a criação poética e ficcional, a entrada no circuito editorial e a possibilidade de alcançar e dialogar com mais leitores, conclui-se que há essa possibilidade, mas que ela possuiu pesos diferentes em cada autor e autora. No contexto aqui estudado, o dos eventos realizados no Vale do Paraíba, destaca-se a percepção dos entrevistados de que eles são vistos como oportunidade de divulgação das obras, embora não haja relação de causalidade entre essa forma de circulação e a criação poética e ficcional. Certamente, devido ao pequeno universo de autores entrevistados, futuras pesquisas poderão elucidar em que medida a relação “eventual” com o público pode de fato (ou não) se constituir em fenômeno sociológico da literatura.

Mediante o exposto, considera-se que os fatores contextuais, como a participação em eventos literários, o uso de mídias sociais e a produção “independente” são importantes para um/a escritor/a que deseja aumentar o alcance de suas obras. Paralelo a isso, festivais literários proporcionam trocas e expansão de conhecimentos para ambas as partes (autor e leitor).

Referências

Barbosa, S. (2001). Ensaio sobre as relações entre biografia e obra de um escritor: O caso singular de Honoré de Balzac (1799-1850). *Lettres Francaises*, 4, 23-46.

- Botelho, D. (2018). Revisitando o Brasil da primeira república através da biografia de escritor negro. *Revista Afro-Ásia*, 57, 259-264.
- Candido, A. (2014). Notas de crítica literária “Água Funda”. *Revista Ângulo*, 137, 14-18.
- _____. (2000a). Introdução. In A. Candido, *A formação da literatura brasileira* (pp. 26-37). (9.ª Ed.). Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia.
- _____. (2000b). *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária* (8.ª Ed.). São Paulo: T. A. Queiroz.
- Clube de Autores (s/d). *Manual de divulgação de livros*. <<https://clubedeautores.com.br/webpage/universidade-do-autor>>.
- Even-Zohar I. (2013). Teoria dos Polissistemas. Trad. L. F. Marozo, C. Rizzon & Y. K. Cunha. *Revista Translatio*, 5, 1-21.
- Fuks, J. (2005, 12 novembro). Profusão de encontros literários marca cena brasileira. *Folha de São Paulo: Ilustrada*.
- Giacaglia, M. C. (2016). *Organização de eventos: Teoria e prática*. São Paulo: Cengage Learning.
- Hasman, R.B.S. & Santos, L.N.P. (2021). Significados e implicações de eventos literários no Vale do Paraíba (SP). *Revista Macabéa*, 10(7), 281-300. <https://doi.org/10.47295/mren.v10i7.3696>
- Marozo, L. F. da R. (2018). A contribuição de Even-Zohar para a abordagem da literatura. *IPOTESI – Revista de Estudos Literários*, 22(2), 9-19. <https://doi.org/10.34019/1982-0836.2018.v22.25638>
- Perrone-Moisés, L. (2017). Entrevista a Luiz Rebinski. *Jornal Cândido*.
- Ramos Filho, R. (2019). Estrangeiro. In R. Ramos Filho, *Conversa comigo* (pp.114-116). Guaratinguetá (SP): Penalux.
- Schollhammer, K. E. (2009). *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ROBSON BATISTA DOS SANTOS HASMANN possui mestrado e doutorado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP). É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo Campos do Jordão (IFSP - CJO) desde 2010, onde leciona espanhol, português e inglês para cursos técnicos e superiores. Dedicar-se à pesquisa da dramaturgia do México, do Brasil e dos Estados Unidos. Orienta pesquisas sobre literaturas brasileira e hispano-americana, além das expressões literárias regionais do Vale do Paraíba (região em que se localiza o IFSP). É membro do grupo de pesquisa vinculado ao CNPq “Linguagem, Literatura e Educação”. Publicou o livro de contos *Linhas tracejadas* (Ed. Scortecci, 2006) e o romance *Erro e surpresa* (Ed. Casa Lua, 2018). Desde 2019 compõe a Comissão Organizadora da Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG), no Estado de São Paulo. Endereço institucional: Rua Monsenhor José Vita, 280, Vila Abernécia, Campos do Jordão (SP - Brasil).

LEANDRA NICOLE PAULA DOS SANTOS é técnica em Informática e, entre 2020 e 2021, foi bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia promovida pelo Campos do Jordão, recebeu o 3.º prêmio dos melhores trabalhos de Iniciação científica apresentados. Coautora do artigo Significados e implicações de eventos literários no Vale do Paraíba (SP) (2021). *Revista Macabéa*, 10(7), 281-300 <https://doi.org/10.47295/mren.v10i7.3696>. Endereço institucional: Rua Monsenhor José Vita, 280, Vila Abernécia, Campos do Jordão (SP - Brasil).

Submetido em 27 maio 2022

Aceite em 31 julho 2022